

WILLE ZUR MACHT E ÜBERMENSCH: QUE EU VENHA A SER QUEM EU SOU!

Everton Nery Carneiro¹
Távora Furtado Ribeiro²

Resumo: Ao trabalhar com os conceitos nietzschianos *Wille zur Macht* e *Übermensch*, objetivamos tratá-los na perspectiva de responder a seguinte questão: como se chega a ser quem se é? Operando como um tradutor traidor, observamos a escrita bailarina nietzscheana, refletindo sobre os conceitos citados, em articulação com outras enunciações teóricas. Assim, nosso objeto investigativo é o próprio Nietzsche em sua obra biográfica intitulada “*Ecce Homo*” (Eis o homem), diante do problema apontado, seguimos o que o próprio mestre da suspeita, Nietzsche, articula no que se refere à formação humana, constatando que esta vai sendo construída em uma grande luta, pois para se “chegar a ser o que se é” é necessário combater o que já se é.

Palavras-Chave: Formação humana. Suspeita. Ser.

WILLE ZUR MACHT AND ÜBERMENSCH: MAY I BECOME WHO I AM!

Abstract: When working with the Nietzschean concepts *Wille zur Macht* and *Übermensch*, we aim to treat them from the perspective of answering the following question: how do you get to be who you are? Operating as a traitorous translator, we observe the Nietzschean ballerina writing, reflecting on the mentioned concepts, in articulation with other theoretical enunciations. Thus, our investigative object is Nietzsche himself in his biographical work entitled

¹ Docente da Universidade do Estado da Bahia. Pós Doutor em Educação(UFC). Doutor e Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (CAPES 06). Especialista em Filosofia Contemporânea (São Bento); Especialização em Ética, Teologia e Educação (EST); Especialista em Educação, desenvolvimento e Políticas Públicas (FACIBA); Licenciatura em Geografia (UEFS); Bacharelado em Teologia (STBNE); Licenciatura em Filosofia (FBB). Professor permanente do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) onde atua como coordenador da Linha 02 (Novas formas de subjetivação e organização comunitária). Membro do GEPERCS (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde).

² Professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado em Educação) nas linhas: Educação, Currículo e Ensino e História e Memória da Educação. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (1983); Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2002). Concluiu Estágio Pós-doutoral na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) sob a supervisão de Michel Löwy com bolsa CNPq. Foi diretor eleito da Faculdade de Educação da UFC entre 2003-2011. Professor-pesquisador do Convênio de Colaboração entre o Programa de Mestrado em Antropologia de Iberoamérica da Universidade de Salamanca (MAI) e Linha de Pesquisa Marxismo, Educação e Luta de Classes (E-Luta) do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC).

“Ecce Homo” (Here is the man) that it is being built in a great struggle, in order to “become what one is” it is necessary to fight what one already is.

Keywords: Human formation. Suspicion. To be.

Introdução

Em “*Ecce Homo*”, Nietzsche assimila Zaratustra a Dioniso, concebendo o primeiro como o triunfo da afirmação da vontade de poder e o segundo como símbolo do mundo como vontade, um deus artista, totalmente irresponsável, amoral e superior ao lógico. Para Dioniso, o sofrimento, a morte e o declínio são apenas a outra face da alegria, da ressurreição e da volta, pois “a morte é um pré-requisito para o nascimento do novo” (YOUNG, 2014, p. 465), é, pois, uma semente, sendo “mensageira da vida” (HOLDERLIN, 2012, p. 61).

Vê-se assim, de forma transparente a importância deste estudo, pois para Nietzsche, bondade, objetividade, humildade, piedade, amor ao próximo, que são valores cristãos, constituem valores inferiores, impondo-se sua substituição, pelo orgulho, pelo risco, pela personalidade criadora, pelo amor ao distante. O forte é aquele em que a transmutação dos valores faz triunfar o afirmativo na vontade de poder, pois “somos nós que damos valor ao mundo. Os pensamentos são ações’. Interpretar é se tornar mestre de alguma coisa: dar forma, estruturar, dominar” (MACHADO, 1999, p. 94-95).

Pensamos e abordamos aqui, ao lado da vontade de poder (*Wille zur Macht*) no que se refere ao ser humano se tornar quem é, o além-do-humano (*Übermensch*) e, sobre essa expressão temos:

O homem é uma corda atada entre o animal e o além-do-homem (*Übermensch*), – uma corda sobre um abismo. Perigosa travessia, um perigoso estar-a-caminho, um perigoso olhar-para-trás, um perigoso estremecer e se deter. Grande, no homem, é que ele é uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é que ele é uma passagem e um declínio (NIETZSCHE, 2011, p. 16).

Sendo o homem essa corda sobre o abismo, entre, de um lado desse abismo, o animal e, do outro lado, o *Übermensch*, o homem é então uma ponte, uma travessia, portanto não é objetivo. O *Übermensch* é apresentado

por Zaratustra na obra Assim Falou Zaratustra, que para Nietzsche é um “quinto evangelho” (NIETZSCHE *apud* YOUNG, 2014, p. 445); ou seja, um trabalho religioso, um novo livro sagrado que “desafiaria todas as religiões existentes” (NIETZSCHE *apud* YOUNG, 2014, p. 445), em que até mesmo “os poetas do Veda sejam sacerdotes, e indignos mesmo de desatar as sandálias de um Zaratustra.” (NIETZSCHE, 2008, p. 85). A parte 6 do capítulo intitulado “Assim falou Zaratustra” pertencente a *Ecce Homo*, nos leva a intuir que Nietzsche trabalha com a ideia de que a obra “Assim Falou Zaratustra” foi escrita por “Deus”³, tendo inclusive assim afirmado: “Zaratustra se sente como a forma suprema de tudo que é” (NIETZSCHE, 2008, p. 86).

Esses dois conceitos nietzschianos dispostos no título (*Wille zur Macht e Übermensch*) são aqui trabalhados na perspectiva de entendermos e buscarmos pistas para responder à questão: como eu venho a ser quem eu sou? Para realizar essa empreitada, caminharemos com Nietzsche, impulsionados pelo vigor e suspeita na abordagem dos conceitos, das múltiplas perspectivas e construções genealógicas.

Sobre vontade de poder (*Wille zur Macht*)

Seguindo a perspectiva de Barrenachea (2006), a episteme carece de vigília, sendo limitada, ou seja, o conhecimento, tal como conhecemos possui seus limites, principalmente no que se refere à gênese da vida e sua inovação e falta de previsibilidade. O descomedimento de saber e de lembrança conspira contra o ser humano. Para improvisar a existência possível, ele precisa do manto das ilusões, do esquecimento do já sabido.

Seguindo esse percurso, percebemos uma ligação visceral entre conhecimento, memória e existência para os gregos trágicos. Uma ligação orgânica de tal maneira que a existência era mantida a base da arte via o

³ “Deve-se pensar previamente que nos nomes Deus e Deus cristão no pensar de Nietzsche são usados para a designação do mundo supra-sensível em geral. Deus é o nome para o âmbito das ideias e dos ideais. Esse âmbito do supra-sensível vale como o mundo verdadeiro e autenticamente real desde Platão [...]. Diferenciando-se dele, o mundo sensível é apenas o mundo do aquém, o mundo mutável e, por isso, o mundo meramente aparente, não real [...]. Se [...] chamarmos mundo sensível ao mundo físico em sentido lato, o mundo supra-sensível é o mundo metafísico.” HEIDEGGER, M. Caminhos de floresta. “A Palavra de Nietzsche: ‘Deus morreu’”, p. 250.

esquecimento, pois a sabedoria não era procurada a qualquer preço, sendo as miragens artísticas a condição fundamental, por mais paradoxal que possa parecer:

Ah! Esses gregos, sabiam realmente viver! Para viver, importa ficar corajosamente na superfície, manter-se na epiderme adorar a aparência, acreditar na forma, nos sons, nas palavras, em todo o Olimpo da aparência! Esses gregos eram superficiais – por profundidade (NIETZSCHE, 2012, Prefácio, p. 4).

Saber viver, coragem na pele e “superficiais por profundidade”⁴, são elementos visíveis de forma epidérmica, de forma onde a essência do mundo não se esconde, pois na arte trágica, a aparência consistiria em um surgir, pois “O projetar da aparência é o processo artístico originário. Tudo que vive, vive na aparência.” (NIETZSCHE *apud* CASANOVA, 2003, p. 46). De uma forma geral pensamos que a arte transfigura a vida, mas tão somente com a perspectiva nietzschiana, é que com a tragédia, a crença na eternidade da vida vai ser expressa. Essa expressão acontece, segundo Nietzsche, via um duplo divino representados por Apolo e Dionísio. O primeiro representa o deus “do limite, da medida, da luz, das profecias ...,” (NIETZSCHE, *apud* SUAREZ, 2011, p. 37) da aparência e do sonho, como afirma Nietzsche: “deus de todas as faculdades criadoras de formas, e também o deus da adivinhação.” (NIETZSCHE, 2004, p. 21). O segundo é o deus do sofrimento, do ilimitado, da natureza (NIETZSCHE, 2004, p. 24-28), que assim “revela a crueza da existência” (MONIZ, 2007, p. 29) Vale ressaltar que “Dionísio e Apolo têm na filosofia nietzschiana o mesmo significado que a ideia e a representação na schopenhaauriana” (LIMA, 2006, p. 48). Assim, pode ser entendido sem dicotomia: de um lado, Apolo, a representação; do outro lado, Dionísio, a vontade. Sem dicotomia, pois “Vede: Apolo não podia viver sem Dionísio”

⁴ Tratar a metáfora da profundidade e da superfície é recorrente em Nietzsche e temos assim: “Quem se sabe profundo luta pela clareza, quem gosta de parecer profundo aos olhos da multidão luta pela obscuridade. Porque a multidão considera profundo tudo aquilo que não consegue ver ao fundo. Ela é tão medrosa! E gosta tão pouco de mergulhar na água.” Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. 1a ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2012. Aforismo 173.

(NIETZSCHE, 2004, p. 35). Atente-se para uma leitura possível que para Nietzsche o divino⁵ é um homem, tal como ele escreve no aforismo 295 de “Para além do Bem e do Mal”. Sendo assim ele é um artista e a arte é em concomitância, apolínea e dionisíaca.

É, pois, às suas duas divindades das artes, a Apolo e Dionísio, que se refere a nossa consciência do extraordinário antagonismo, tanto de origens como de fins, que existe no mundo grego entre a arte plástica ou apolínea e a arte sem formas ou musical, a arte dionisíaca (NIETZSCHE, 2004, p. 19).

Caminhar nessa direção é compreender que homem e mundo se encontram nesse antagonismo que é harmônico. Podemos dizer que Nietzsche busca criar uma forma de pensar cuja intenção é traduzir a vida. Essa forma de pensar é o que se denomina de filosofia dionisíaca ou trágica, que nos remete a um estar e ser dionisiacamente na existência, em que Apolo e Dionísio são categoricamente indispensáveis. Chamamos atenção que o dionisíaco não pode ser representado, mas apenas experimentado na tragédia. Não temos dúvida, a arte é indispensável e inseparável da vida, inclusive “como fenômeno estético a existência nos é suportável, e por meio da arte nos são dados os olhos e as mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno” (NIETZSCHE, 2012, parágrafo 107). Viver a arte trágica é experimentar a tragicidade da vida, onde se vive os temas, os problemas humanos individuais e universais que aparecem sem solução e carregados de paradoxo, tais como: o dito e o não-dito, consciência e coletividade, liberdade e necessidade, amor e ódio. Nesse processo ocorre o êxtase, uma embriaguez, uma saída de si mesmo e um reencontrar-se consigo mesmo (ROHDEN, 2009, p. 24-26). Afirma-nos Nietzsche que não há tragédia sem sofrimento e que a essência do trágico é o sofrimento inocente

⁵ É importante trazer a máxima de Inácio de Loyola, que está gravada no seu epitáfio: “*Non coecri máximo, contineri mínimo, divino est.*” (Divino é não se limitar pelo máximo, mas conter-se no mínimo.) Nota da Tradutora. SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. Apresentação. IN: HOLDERLIN, Friedrich. *Hipérion ou O Eremita na Grécia Antiga*. Tradução, notas e apresentação Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Forense, 2012, p. 29.

(NIETZSCHE, 2006, p. 43-44). É nesse processo que a tragédia vive o eterno retornar a si mesmo, a partir da sua tradição histórico-religiosa, que promove esse encontro. É necessário dizer que:

Os gregos, que com seus deuses dizem e, ao mesmo tempo, calam a doutrina secreta de sua visão do mundo, erigiram duas divindades, Apolo e Dionísio, como dupla fonte de sua arte. Na esfera da arte esses nomes representam antíteses estilísticas que caminham uma junto à outra, quase sempre lutando entre si, e só uma vez aparecem fundidas, no instante do florescimento da 'vontade' helênica, formando a obra de arte da tragédia Ática (NIETZSCHE, 2005, p. 553).

Sabedores disso e compreendendo essa dinâmica a partir de Nietzsche, nos lançamos sobre o conceito de 'vontade' e de vontade de poder (*Wille zur Macht*)⁶. Inicialmente vontade e "Apesar de a vontade atravessar toda a obra de Nietzsche como um tema importante, tanto o conteúdo do conceito quanto a avaliação da vontade se modificam no decorrer de seus trabalhos" (NIEMEYER, 2014, p. 573). Assim vai Nietzsche escrevendo, desenvolvendo um texto, um jeito de escrever em que a conciliação ou a reconciliação é algo improvável, pois o que está sempre em jogo é o paradoxo e a ambiguidade, tendo por marca uma dinâmica de escrever que está sempre dizendo e negando o que disse, fazendo uma leitura de si mesmo e se relendo sempre, ou seja interpretando e reinterpretando o interpretado (ALMEIDA, 2005, p. 273-275)

Pensamos que não há como separar vida e obra no trabalho filosófico de Nietzsche, e ele faz observações nesse sentido em "Dos desprezadores do corpo" de Assim Falou Zaratustra: "O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um

⁶ "A preposição *zur* (para, em direção de) na expressão *Wille zur Macht* (vontade de potência) acentua o caráter móvel, dinâmico e fluído da vontade como vir-a-ser, como tornar-se." ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Nietzsche e o paradoxo*. Edições Loyola, São Paulo, 2005. p. 103.

⁷ "O termo *Wille* entendido enquanto disposição, tendência, impulso e *Macht* associado ao verbo *Machen*, fazer, produzir, formar, efetuar, criar." MARTON, Scarlett. Da Biologia à Física: vontade de potência e eterno retorno do mesmo. Nietzsche e as ciências da natureza In: BARRENECHEA, Miguel Angel de [et al.] *Nietzsche e as ciências*. Rio de Janeiro: 7letras, 2011.

rebanho e um pastor” (NIETZSCHE, 2011, p. 35). E ainda mais em “A oferenda do mel”: “Com a minha melhor isca pesco hoje os mais prodigiosos peixes-homens!” (NIETZSCHE, 2011, p. 226). Eis Nietzsche em sua sabedoria, que é a arte de viver e fazer isso com arte. Fazer isso é sempre inovar, pois “convicções são inimigos da verdade mais perigosos que as mentiras.” (NIETZSCHE, 2005, p. 239). Sistemas e convicções não são a base ou a força da produção filosófica nietzschiana, entretanto isso não impede a sua coerência e a sua força interna, assim como ele diz: “De tudo escrito, amo apenas o que se escreve com o próprio sangue. Escreve com sangue; e verás que sangue é espírito” (NIETZSCHE, 2011, p. 40). Escrever com sangue é a coerência de Nietzsche e, fazer isso é manter-se vivo e proclamar a vida. Apesar do mundo mostrar-se terrível, é possível, segundo Nietzsche, experimentar um êxtase de alegria:

É um fenômeno eterno: sempre a vontade insaciável encontra meio de ligar as suas criaturas à existência e de as forçar a continuar a viver com o auxílio de uma ilusão derramada sobre as coisas. Este é retido pela felicidade socrática do conhecimento e pelo sonho quimérico de poder sanar com ela a chaga da vida; aquele é fascinado pelo véu da beleza da arte que o vento agita diante dos seus olhos; outro fica por sua vez consolado com a noção metafísica de que, sob o turbilhão de aparências, a vida eterna prossegue no seu curso imutável; sem falar das ilusões mais comuns, e mais fortes ainda, que a vontade consegue a cada instante suscitar (NIETZSCHE, 2004, p. 110-111).

Essa vontade que não é saciada jamais, sendo por meio da metafísica do artista que consegue chegar ao seu esplendor e êxtase total, fazendo com que a existência em sua seriedade seja vivida em alegria, ou experienciada na tragédia. Os textos de Nietzsche vão assim sendo provocadores, interrogadores, condenando-nos a um questionar permanente a respeito da nossa vida, da nossa leitura e da nossa interpretação, sendo sua escrita carregada de vários estilos e esta é sua singularidade, aliada às múltiplas mensagens e entre as várias mensagens de Nietzsche se encontra a mensagem

trágica que é uma mensagem de afirmação da vida, “afinal só se vive a experiência de si mesmo” (NIETZSCHE, 2011, p. 177).

De vontade passamos a vontade de poder. “Quando se fala da vontade de poder como princípio filosófico, na maioria dos casos não se recorre aos textos de Nietzsche [...], mas antes, e principalmente, à interpretação de Heidegger” (NIEMEYER, 2014, p. 575). Feito esse comentário, seguimos pelo caminho da busca pelas fontes nietzschianas da expressão, e as mesmas encontramos em: “Assim Falou Zaratustra”, “A Gaia Ciência”, “Para um Genealogia da Moral”, “O Caso Wagner”, “Crepúsculo dos ídolos”, “O anticristo”, “Ecce homo”, “A origem da Tragédia” (NIEMEYER, 2014, p. 574). São textos variados com aparições por vezes indiretas. Esta expressão, “vontade de poder é associada ao nome de Nietzsche, enquanto palavra-chave, como quase nenhuma outra” (NIEMEYER, 2014, p. 574). Qual o motivo? “A compilação de mesmo nome que deve ser lida como um projeto da irmã de Nietzsche de construir uma obra principal sistemática do seu irmão” (NIEMEYER, 2014, p. 574). Nietzsche não levou esse projeto a frente, provavelmente porque ele considerou que “não seria (mais) possível esclarecer o mundo a partir de um único princípio” (NIEMEYER, 2014, p. 574).

Em “Assim Falou Zaratustra” a expressão surge pela primeira vez em “Das mil metas e uma só meta”: “Uma tábua de valores se acha suspensa sobre cada povo. Olha, é a tábua de suas superações; olha, é a voz de sua vontade de poder” (NIETZSCHE, 2011, p. 57). Os valores, ou seja, a moral é a afirmação da vontade de poder de um povo. Após essa primeira aparição a expressão tem lugar em “Da superação de si mesmo”: “Chamais ‘vontade de verdade’, ó mais sábios entre todos, aquilo que vos impede e inflama? Vontade de tornar pensável tudo o que existe: assim chamo eu à vossa vontade!” (NIETZSCHE, 2011, p. 108). Vontade de verdade é vontade de poder e esta tem vínculo com o prazer e este possui relação direta com a sensação de aumento do poder. Assim os fisicamente mais fortes lutam, pois conseguem ter prazer exercendo sua força, isso tudo transitando entre a dor e o prazer, na perspectiva de sentimentos de poder. A luta exige permanentemente atitudes beligerantes e isto provoca a procura instintiva de responsabilidades, a criação de inimizades, inclusive se arriscando a tornar-se inimigo de si próprio. Ao realizar essa ação, vai exercitando sua força e vontade de poder,

que faz parte da sua essência. Tudo isso segue o inverso da ação da sociedade da quietude, pois esta faz um tipo de ação baseada em uma pseudomoral. Mas o que é moral? Segundo afirma Nietzsche “nada mais é [...] que a obediência aos costumes” (NIETZSCHE, 2014, p. 375). A última aparição em Zarathustra ocorre em “Da redenção”:

A vontade já se tornou seu próprio redentor e mensageiro da alegria? [...] E quem lhe ensinou a reconciliação com o tempo, e o que é mais alto que toda a reconciliação? Algo mais alto que toda reconciliação tem de querer a vontade que é a vontade de poder —: mas como lhe acontece isso? (NIETZSCHE, 2011, p. 134-135).

Quando a vontade se torna a própria redenção e mensagem da alegria isso faz com que a reconciliação ocorra via a vontade de poder e esta é redentora e mensageira. Não existe, portanto, distante opção, tudo é vontade de poder. Enquanto a primeira aparição é “autolegislação”, a segunda é “saber” e a última é “afirmação”, sendo que “na simbologia cristã, a reconciliação com o pai é a imagem primordial — Cristo passa direto da cruz para o Pai.” (CAMPBELL, 2008, p. 141)

Indo na direção de pensar a vontade de poder como uma doutrina, Stegmaier faz a seguinte afirmação:

Todas as coisas e homens têm a vontade de exercer seu poder uns sobre os outros sem que um terceiro elemento, uma lei universal, delimite isso. Eles devem seguir tal vontade. A doutrina pode também, segundo a perspectiva dos signos, significar: “vontade de poder” é um signo para o “sentido de relação” dos signos, a qual resulta das margens de manobra interpretativas daqueles que utilizam os signos” (STEGMAIER, 2013, p. 171).

O exercício da vontade de poder, portanto, acontece em todas as grandezas escalares, desde o micro até o macro, desconsiderando totalmente a vida animada ou inanimada, como também a racionalidade e a não-racionalidade. Ao parafrasear Nietzsche afirmarmos que a vida é vontade de poder, assinalando a atividade que molda e que cria, que inclusive ilude e até mesmo se torna opressiva e injusta (NIETZSCHE, 2006, p. 38-39). O que se tem

aqui como processo? A derrota de uma vontade contra outra vontade, ou seja, a evolução de algo (hábito ou órgão) não é um progresso em direção a um alvo, tampouco alargamento lógico unidimensional que se alcançaria com um ínfimo empenho em vista de uma finalidade, mas sim uma sucessão de procedimentos de subjugação que se desenvolvem com mais ou menos profundidade e com mais ou menos independência nas suas semelhanças e diferenças, nas suas peijas e reconciliações (ALMEIDA, 2005, p. 239-240).

Übermensch

Da vontade de poder passamos para abordar o conceito de além-do-homem. Este é um desses conceitos nietzschianos carregados de ambiguidade, para alguém que afirma que não quer ser ambíguo poderia ser um problema, mas não em Nietzsche, pois para compreender a sua concepção é necessário empregar a seu próprio método interpretativo de texto e de vida. Qual é esse método⁸? Nietzsche nos seduz a remoer o minúsculo, a decompor cada parte, martelando cada palavra, mascando cada expressão, a oferecer vida a cada uma delas, ou seja, a remetê-las para um dia-a-dia daqueles que delas se aproximam. Muita paciência, pitadas de vagarosidade e vontade de devir não somente com o texto, mas com a vida é o que demanda a arte de interpretar.

Espero, contudo, que estejamos hoje longe da ridícula pretensão de decretar que nosso cantinho é o único de onde se tem o direito de possuir uma perspectiva. Muito pelo contrário, o mundo, para nós, voltou a tornar-se infinito, no sentido em que não lhe podemos recusar a possibilidade de se prestar a uma infinidade de interpretações (NIETZSCHE, 2012).

Sempre de volta à essa possibilidade, de uma infinidade de interpretações, e ainda ficando distante da ideia de um caminho único e de

⁸ "O método de Nietzsche [...] é o da genealogia e da dissecação, metáfora que ele continuará empregando para significar, precisamente, o papel daquele que diseca, analisa, interpreta e valora." ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Nietzsche e o paradoxo*. Edições Loyola, São Paulo, 2005. p. 73.

uma única perspectiva, é que somos remetidos ao Jesus joanino: “Na casa de meu pai há muitas moradas.” (João 14.2a). O “cantinho” é a morada e esta aponta para uma casa, um lugar, um *topos*, e esse assinala uma determinada perspectiva, um dado jeito de olhar. Posto isso, entendendo que várias são as moradas, compreendemos que vários são os olhares, várias são as perspectivas: de vida, de texto e de palavras.

Ao olhar vida, texto e palavras, lancemos o olhar sobre uma palavra, um conceito nietzschiano: *Übermensch*. Inicialmente nos debruçamos sobre a tradução⁹. Esta palavra alemã foi genericamente traduzida para o português como super-homem, advindo de sua tradução para a língua inglesa, como “superman”, ou até mesmo em outras línguas, onde temos o “superhombre”, “superuomo”, “surbomme” e “surbumain”. Em língua portuguesa existem outras duas perspectivas e opções de tradução: sobre-homem e além-do-homem. O primeiro foi usado pelo divulgador inicial de Nietzsche no Brasil, o jornalista João Ribeiro. O segundo é defendido por Rubens Rodrigues Torres Filho¹⁰. Pensamos que não existe uma tradução universalmente aceita para esse termo e, portanto, fazemos aqui a opção de usar a expressão no original em alemão (*Übermensch*), tal qual acontece com o uso da expressão “*dasein*” de Heidegger, pois são palavras, que ao serem traduzidas não assinalam com mínima proximidade o que expressam em sua língua original, como nos lembra Schuback: “deixá-los aparecer nos pontos mesmos em que a tradução se depara com as dificuldades e com a própria impossibilidade de traduzir”¹¹.

Este conceito é apresentado por Nietzsche na parte 3 do prólogo de Assim Falou Zaratustra: “E Zaratustra assim falou à gente: Eu vos ensino o super-homem (*Übermensch*). O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?” (NIETZSCHE, 2011, p. 13). A palavra *Übermensch* é

⁹ “Tradução deixa aparecer uma língua entre as línguas, uma língua do entredizer, ao mesmo tempo familiar e estranha, tanto para a língua que se traduz como para a língua à qual se traduz.” SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. Apresentação. In: HOLDERLIN, Friedrich. *Hipérion ou O Eremita na Grécia Antiga*. Tradução, notas e apresentação Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Forense, 2012. p. XXII.

¹⁰ Paráfrase da nota nº 06 do tradutor (NIETZSCHE, 2011, p. 315-316).

¹¹ SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. Apresentação. In: HOLDERLIN, Friedrich. *Hipérion ou O Eremita na Grécia Antiga*. Tradução, notas e apresentação Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Forense, 2012. p. XXI.

formada a partir de dois étimos: *Über* (sobre, acima de, além de) e *Mensch* (ser humano)¹². Sobre essa palavra, Nietzsche assim diz:

A palavra super-homem (*Übermensch*), para designação de um tipo que vingou superiormente, em oposição a homens “modernos”, a homens “bons”, a cristãos e outros niilistas – palavra que na boca de um Zaratustra, o aniquilador da moral, dá o que pensar – foi entendida em quase toda parte, com total inocência, no sentido daqueles valores cuja antítese foi manifesta na figura de Zaratustra: quer dizer, como tipo “idealista” de uma mais alta espécie de homem, meio “santo”, meio “gênio” ... Uma outra raça¹³ de gado erudito acusou-me por isso de darwinismo (NIETZSCHE, 2008, p. 51-52).

Nietzsche aqui nos aponta para como ele entende o *Übermensch*: um tipo “idealista”, meio “santo”, meio “gênio” e meio “louco”, onde ao final busca afastar-se de qualquer darwinismo ou culto a heróis. Apesar de nesse texto ele fazer referência de como usar essa palavra e sua significação, em suas anotações de junho-julho de 1883 ele afirma: “Eu conheço a palavra e o signo do além-do-homem (*Übermensch*): porém, eu não a mostro, eu não a mostro nem a mim mesmo.” (NIETZSCHE, *apud* STEGMEYER, 2013, p. 171). Quanta ambiguidade! Em um texto Nietzsche assinala como usar e o significado da palavra, para em outro afirmar que conhece, mas não a mostra a ninguém, nem a “mim mesmo”, forma como ele se refere a si mesmo nesse texto. Esse “si mesmo” é o princípio da individuação no ser humano, ou seja, “aquilo que faz de mim eu mesmo e não outra pessoa, ou, mais exatamente, o que me faz “si” é a responsabilidade em relação ao outro. Responsabilidade intransmissível” (MIES, 2012, p. 121). Nietzsche põe-se aqui como esse portador de responsabilidade que não se transmite e mais que isso, aquilo que chega, o novo, as boas novas, e, no caso do *Übermensch* em Zaratustra, as novíssimas

¹² Para aprofundar ver nota nº 31 de NIETZSCHE (2008, p. 115-116).

¹³ “A noção de raça ou herança é apresentado não de forma biológica, determinista, mas cultural e histórica, ligada à eleição, à preferência, à escolha. Raça, herança, sangue, na perspectiva nietzschiana, têm um sentido amplo: são as concepções culturais, os antecedentes de força, os impulsos que cada grupo vai reciclando e recriando. Isso não implica fatalidade, determinismo, inatismo, mas formas de acúmulo de potência” (BARRENACHEA, 2003. p. 40).

boas novas, não se dá sem ambiguidade. Seja como for, o *Übermensch* é uma personagem, um conceito muito difícil de estabelecer, mesmo porque o Zaratustra de Nietzsche não o faz, e, o próprio Nietzsche na sua obra, faz com que o *Übermensch* permaneça sempre em abertura para interpretação, pois é a “subjetividade do intérprete que está em jogo na interpretação. É o sentido do texto, de uma obra, que é o vetor determinante da interpretação em que a intenção do autor se compreenderá pela compreensão aberta no próprio texto” (ADAMS, 2012, p. 31).

Como já visto anteriormente, o *Übermensch* é apresentado por Zaratustra na obra Assim Falou Zaratustra, que para Nietzsche é um “quinto evangelho” (NIETZSCHE *apud* YOUNG, 2014, p. 445), ou seja, um trabalho religioso, um novo livro sagrado que “desafiaria todas as religiões existentes” (NIETZSCHE *apud* YOUNG, 2014, p. 445), em que até mesmo “os poetas do Veda sejam sacerdotes, e indignos mesmo de desatar as sandálias de um Zaratustra.” (NIETZSCHE, 2008, p. 85). A parte 6 do capítulo intitulado “Assim falou Zaratustra” pertencente a Ecce Homo, nos leva a intuir que Nietzsche trabalha com a ideia de que a obra “Assim Falou Zaratustra” foi escrita por “Deus”¹⁴, tendo inclusive assim afirmado: “Zaratustra se sente como a forma suprema de tudo que é” (NIETZSCHE, 2008, p. 86).

Zaratustra é o herói epônimo¹⁵, personagem de Nietzsche e o próprio Nietzsche quando esse diz:

Descobrimos a felicidade, conhecemos o caminho, encontramos a via para sair de milênios inteiros do labirinto. Quem o descobriu além de nós? O homem moderno, talvez? – ‘Não sei mais para quem me voltar, sou tudo aquilo que não sabe mais para que se voltar’ –

¹⁴ “Deve-se pensar previamente que nos nomes Deus e Deus cristão no pensar de Nietzsche são usados para a designação do mundo supra-sensível em geral. Deus é o nome para o âmbito das ideias e dos ideais. Esse âmbito do supra-sensível vale como o mundo verdadeiro e autenticamente real desde Platão [...]. Diferenciando-se dele, o mundo sensível é apenas o mundo do aquém, o mundo mutável e, por isso, o mundo meramente aparente, não real [...]. Se [...] chamarmos mundo sensível ao mundo físico em sentido lato, o mundo supra-sensível é o mundo metafísico.” HEIDEGGER, M. Caminhos de floresta. “A Palavra de Nietzsche: ‘Deus morreu’”, p. 250.

¹⁵ Que dá ou empresta seu nome a alguma coisa, nesse caso, nome de um personagem mítico ou histórico do qual se derivou ou supõe ter sido derivado o nome de um país ou povo (Ítalo, Rômulo, Bruto, Bolívar) que são epônimos de Itália, Roma, Britânia e Bolívia.

suspira o homem moderno. É essa modernidade que nos torna doentes [...] Fórmula de nossa felicidade: um sim, um não, uma linha reta, um objetivo... (NIETZSCHE, 2008, p. 17-18).

Ao dizer esse dito, Nietzsche está proclamando a felicidade, isso ele faz de maneira paradoxal e assim podemos atribuir um “paradoxo da felicidade”, pois para ele a felicidade não é um lugar que se chega, mas sim assumir um compromisso diferente de construção da felicidade, pois “queremos nos tornar poetas de nossas próprias vidas” (NIETZSCHE, 1976, parágrafo 299). Estamos tão confinados às nossas próprias vidas que somos incapazes de contemplarmos a beleza das árvores diante da floresta. Ao abordamos a árvore, nos remetemos imediatamente à narrativa de Gênesis 3, quando Adão e Eva esconderam-se atrás das árvores do jardim, para não atenderem ao chamado de Deus. Não é isso que quer e anuncia o *Übermensch*, pois ele anuncia e deseja os espíritos livres, estes podiam ser os de “primeira” (NIETZSCHE, 2012, parágrafo 23) ou “segunda categoria”. Estes últimos (segunda categoria) dizem não às convenções sociais, entretanto suas vidas são frívolas (VARGAS LLOSA, 2013, p. 45). Os de primeira categoria são os verdadeiros leitores de Nietzsche; eles assumem o papel de semeadores das novíssimas boas novas, de um futuro que aponta um horizonte genuinamente criativo, onde se desponta novas possibilidades de vida em oposição às antigas.

É preciso destacar que a palavra *Übermensch* é usada tão somente em Assim falou Zaratustra, e em explicações relacionadas a essa obra, tal como Ecce Homo, ou ainda em fases preliminares de preparação do texto (NIEMEYER, 2014, p. 38)

Depois da apresentação do *Übermensch*, essa palavra vai aparecer novamente pouco depois, ainda no prólogo quando Nietzsche afirma que “o homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem (*Übermensch*) – uma corda sobre o abismo.[...] Grande no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo” (NIETZSCHE, 2011, p. 16).

Para não concluir

Após todas essas considerações, pensamos em uma espécie de doutrina da vontade de poder, do *Übermensch*, e estas têm possibilidade de significar a existência de homens ou uma espécie deles que exerce um poder sem limites sobre os demais. Na perspectiva dos signos, o *Übermensch* é um signo transgressor para com todo e qualquer conceito normatizador que procure formulações fixas e definitivas. Desse modo o *Übermensch* é um criador de mitos e valores genuinamente novos, totalmente despojados de fundações, sejam elas quais forem. Para novos valores serem criados e preciso se recriar, ou seja, é preciso um nascer de novo e de modo novo.

Já a vontade de poder é a principal força motriz existente na formação de qualquer elemento, inclusive o ser humano. Assim abrangeria os humanos, os animais na sua totalidade e as forças naturais. Para Nietzsche, a vontade de potência, nos seres humanos, poderia ser empregada a fim de conquistar realizações, ambições e maior esforço para as conquistas desejadas e expansão do ser. No sentido desses dois conceitos nietzschianos, vir a ser o que se é, significa a compreensão e realização do *Übermensch* (além-do-humano), na perspectiva da vontade de poder. Nessa perspectiva, estes dois conceitos estão intimamente imbricados na construção do que se é, sendo este “é” um sendo, sempre na compreensão de que se é, no que se refere à formação humana, uma construção permanente por meio de uma grande luta, pois para se “chegar a ser o que se é”, é necessário combater o que já se é.

Referências

ADAMS, Adair. Entre a epistemologia e a ontologia: elementos da hermenêutica de Paul Ricoeur. Potro Alegre: Compasso Lugar-Cultura: Imprensa Livre, 2012.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Nietzsche e o paradoxo*. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche: memória trágica e futuro revolucionário. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de; PINHEIRO, Paulo; FEITOSA, Charles (Org.). *A fidelidade à terra: arte, natureza e política. Assim falou Zaratustra IV*. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche: a memória, o esquecimento e a alegria da superfície. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel de;

PINHEIRO, Paulo (Org.). *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação. Assim falou Zaratustra V*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj; Unirio. Brasília, DF: CAPES, 2006.

CAMPBELL, Joseph. *Mito e transformação*. Organização e prefácio David Kudler. Trad. Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2008.

COLLI, Giorgio. *Escritos sobre Nietzsche*. Trad. e prefácio de Maria Filomena Molder. Lisboa. Artes Gráfica Ltda, 1980.

COLLI, Giorgio. *Escritos sobre Nietzsche*. Trad. e prefácio de Maria Filomena Molder. Lisboa. Artes Gráfica Ltda, 1980.

HOLDERLIN, Friedrich. *Hipérion ou O Eremita na Grécia Antiga*. Trad., notas e apresentação Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

LIMA, Márcio José Silveira. *As máscaras de Dionísio: filosofia e tragédia em Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial: Ijuí-RS: Editora UNIJUÍ, 2006.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. Rio de Janeiro. Graal, 1999.

MARTON, Scarlett. Da Biologia à Física: vontade de potência e eterno retorno do mesmo. Nietzsche e as ciências da natureza In: BARRENECHEA, Miguel Angel de [et al.] *Nietzsche e as ciências*. Rio de Janeiro: 7letras.

MIES, Françoise. Emmanuel Lévinas e a Bíblia. In: GILBERT, Paul et al. *Bíblia e filosofia: as luzes da razão*. Trad. Paula Silvia Rodrigues Coelho da Silva. Edições Loyola. São Paulo, São Paulo. 2012.

MONIZ, Luiz Claudio. *Mito e música em Wagner e Nietzsche*. São Paulo: Madras, 2007.

NIEMEYER, Christian (Org.). *Léxico de Nietzsche*. São Paulo. Edições Loyola, 2014.

NIETZSCHE apud CASANOVA, Marco Antônio. *O Instante Extraordinário: Vida, História e Valor na obra de Friederich Nietzsche*. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2003.

NIETZSCHE apud STEGMAIER, Werner. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos*. Organização de Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Muniz Garcia. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2013.

NIETZSCHE apud YOUNG, Julian. *Friederich Nietzsche: uma biografia filosófica*. Trad. Marisa Mota. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

NIETZSCHE, Friederich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad., notas e prefácio Paulo César de Sousa. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friederich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad., notas e posfácio Paulo César de Sousa. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friederich. *Humano demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. Trad., notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. São Paulo: Editora Hemus, 1976. Parágrafo 299.

Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Cia das Letras, 2012. Prefácio.4.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A origem da tragédia*. Trad. Joaquim de faria, 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A visão dionisíaca de mundo e outros textos da juventude*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Introdução à tragédia de Sófocles. Apresentação à edição brasileira*. Trad. alemão e notas Ernani Chaves. Rio de Janeiro: J. Zahar ED. 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O anticristo*. Trad. Antonio Carlos Braga, 2. ed. São Paulo: Editora Escala, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Alex Martins. São Paulo. Martin Claret, 2006.

NITZSCHE apud SUAREZ, Rosana. *Nietzsche e a linguagem*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

ROHDEN, Luiz. *A Tragédia Grega e Nós: um jogo hermenêutico*. In: AZAMBUJA, Celso Candido de et el (Org.). Os gregos e nós. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2009.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. Apresentação. In: HOLDERLIN, Friedrich. *Hipérion ou O Eremita na Grécia Antiga*. Trad., notas e apresentação Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

STEGMAIER, Werner. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos*. Organização de Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Muniz Garcia. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2013.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

YOUNG, Julian. *Friederich Nietzsche: uma biografia filosófica*. Trad. Marisa Mota. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.